



3 DE MARÇO
Dia mundial da mulher
 As operárias têxteis, como todas as mulheres, comemorarão esta jornada feminina, florindo as campanhas das mulheres democráticas caídas na luta contra o salazarismo, reunindo-se em almoços e jantares, fazendo concentrações e manifestando o seu amor à Paz, recolhendo nos locais de trabalho milhares de assinaturas por amnistia e paz.

ALARGUEMOS A LUTA DA NOSSA CLASSE! POR MELHORES SALÁRIOS E CONTRA A EXPLORAÇÃO!

Embora entre nós possam haver discordâncias em relação a este ou aquele assunto, num estamos todos de acordo: somos explorados e ganhamos uma miséria. Da parte da entidade patronal encontramos a sede feroz do lucro. Para matar essa sede, os patrões não hesitam a descer à exploração mais abjecta. Nós somos os instrumentos do lucro dos patrões, a sua preocupação é encher toda vez mais os cofres e nós não lhes merecemos a menor atenção. Simultaneamente a esta posição da entidade patronal, assistimos a uma posição do governo, que longe de minorar a nossa situação a agrava ainda mais. A lei não nos protege, mas ao contrário, prejudica-nos. Ao abrigo da lei, nós nem sequer podemos reclamar contra as arbitrariedades de que somos vítimas.

Felizmente, a nossa classe, que conta na sua experiência ricos exemplos de combatividade e firmeza, tem a consciência de que naquele ponto estamos todos de acordo e não aceita a canga da exploração.

Temos vindo a constatar vários exemplos de luta em algumas zonas da nossa classe, que constituindo uma prova clara da nossa combatividade, são ao mesmo tempo um apêlo à luta de todo o operariado têxtil. Acções de empresa pela conquista dos salários legais, contra o regime de semana reduzida, acções contra a aplicação arbitrária de multas, contra o agravamento das regalias sindicais, etc., podem vir a transformar-se não apenas em grandes acções de parcelas do operariado da indústria, mas também, em grandes acções de toda a classe, acções de nível revolucionário superior e que fiquem a atestar o

contributo da nossa classe para o levantamento da nação contra Salazar.

Para que efectivamente aquelas acções possam vir a realizar-se, urge intensificar as acções parciais ao nível de empresa ou de região. Igualmente é preciso que no desenrolar das acções parciais se estreitem progressivamente os nossos laços de união. A unidade dos trabalhadores forja-se na luta. Não é possível estarmos à espera da unidade para irmos para a acção. A unidade das classes trabalhadoras é real e a sua expressão consiste na participação das massas operárias nas lutas de empresa, de região ou de classe.

Por outro lado a luta precisa de ser organizada. A constituição de comissões têxteis em cada empresa e localidade significa a constituição de cabeças para a luta, órgãos de direcção fundamentais.

Aproveitemos os exemplos de acção existentes no seio da nossa classe. Alarguemos a nossa unidade e arranquemos do inimigo as concessões que ele não nos quer dar.

1º DE MAIO
FALTEMOS AO TRABALHO
PREPAREMOS DESDE JÁ
PASSEIOS—BAILES
E
FESTAS DE
CONFRATERNIZAÇÃO

TERRORISMO OU ACÇÕES DE MASSAS? A burla dos 25 por cento!

Chegou ao nosso conhecimento que existem na nossa classe ideias de formação dum movimento de tipo terrorista, porque segundo dizem os seus iniciadores, o regime de Salazar só cairá por acções desse tipo. «O TEXTEL», como órgão de unidade da classe, alerta todos os companheiros contra o perigo de tais concepções políticas.

O desejo de todos nós é derrubar o regime fascista. Como, porém, isso não é tarefa fácil, há muita gente que em vez de criar condições de luta progressivamente mais amplas, se deixa vencer pelo desespero e envereda por soluções políticas que parecendo com resultados imediatos, no fundo, apenas servem para consolidar a posição do inimigo.

(continua na 4.ª pág.)

A carta de reivindicações dos trabalhadores do Porto, que publicamos no número 39, lê-se: «Realização de uma verdadeira assistência, com aplicação dos dinheiros das Caixas de Previdência em benefício exclusivo da saúde e habitação dos trabalhadores».

Ao formularem aquela reivindicação, os trabalhadores do Porto, interpretam o sentimento geral de indignação dos trabalhadores portugueses pela forma como é aplicado o nosso dinheiro pela Caixa Sindical de Previdência. Uma prova clara desse sentimento deu-nos o operariado da «Auto-Industrial» de Coimbra, ao fundar uma Caixa privativa e de assistência na goença. Isto, é claro, só se dá porque a Caixa de Previdência oficial não cumpre o seu papel.

(continua na 2.ª pág.)

EXIJAMOS NEGOCIAÇÕES

E o regresso dos soldados

A guerra de Angola continua. A nossa juventude continua a partir para Angola, Moçambique, Guiné, Timor, etc., Salazar, para conservar os lucros fabulosos dos grandes banqueiros e monopolistas que exploram as riquezas das colónias; faz partir e morrer em Angola os jovens portugueses que desde que nasceram são explorados por aqueles mesmos capitalistas.

De Angola chegam cartas horribéis. Um jovem soldado conta como as nossas tropas matam a torto e a direito, incluindo crianças e afirma: «Não calculas quanto soffro por ver fazer estas coisas na minha frente mas tenho que fechar os olhos a tudo sem qualquer espécie de comentários». Outro jovem escreve a seus pais: «Temos passado por cá muita miséria, ou seja, muita fome; há 3 meses que não recebemos um tostão. Ainda se a comida fosse boa, ainda vá lá, mas andamos muito mal alimentados, o que eu por cá tenho passado com muitos colegas, eu e Deus o sabemos». Um conta: «São dias e dias metido no meio da mata e andamos horas e horas a abrir caminho por entre mata para podermos passar» e outro conclui: «eu lhe queria mandar a minha fotografia, mas eu estou de uma maneira que até tenho vergonha de a mandar porque o meu corpo está reduzido a ossos...»

Foi para isto que vós, mães, criastes os vossos filhos com tantos cuidados? Obrigam-nos a deixar a casa, a família, o trabalho, levam-nos para a selva para matar e ser morto, não lhes pagam um tostão, não lhes dão de comer!

E vós, jovens esposas e noivas? Que vai ser de vós? Que vai ser de vossos filhos, sem pai—morto numa guerra injusta ou com um pai ou um marido doente pela falta de alimento ou pelo desgaste físico a que agora o obrigam?

Não consintamos o crime! Se Salazar acha que Angola é dele que parta ele e os seus banqueiros e monopolistas a se bater com o povo angolano, esse heróico povo contra o qual nós povo nada temos;

que nada tem contra nós, mas do qual nós queremos fazer inimigos e mesmo assassinos!

Manifestemos o nosso amor à Paz, exigindo a paz em Angola, negociações imediatas com os dirigentes do povo angolano e das outras colónias portuguesas. Para que serviu a luta em Goa? Não se pode lutar contra a vontade de todo um povo que luta pela sua libertação e independência.

No dia 8 de Maio, Dia Mundial da Paz, manifestemo-nos com todo o povo pela Paz em Angola e pelo regresso dos soldados. Organizemo-nos por toda a parte grandes manifestações de rua!

Os têxteis não dizem

«ANGOLA É NOSSA!»

DIZEM:

O 1º DE MAIO É NOSSO! e comemoram—no condignamente

OS 25 POR CENTO

(continuação da pág. 1.)

Todos subimos dos atrasos no Abono, dos subsídios demiséricia na doença, da fome que nos espera na velhice se estivermos atidos às reformas da Caixa. Como se isto não bastasse temos agora os 25%, sobre os medicamentos. Como explicam as senhores da Caixa esta medida? Para eles é tudo a mesma coisa. Dizem que até agora as nossas mulheres não tinham direito a medicamentos e que com a medida dos 25%, elas passam a ter as mesmas regalias que nós temos. Essas senhores julgam que nós somos parvos? Quem não sabe que as nossas mulheres, na sua maioria, são operárias? Que não pagavam, como tal, um tostão pelos medicamentos e que agora vão ser obrigadas a pagar 25%?

De todos os laços nos chegaram os ecos do descontentamento da classe face a esta medida. No Porto recolhem-se assinaturas de protesto, na Serra da Estrela estava marcada para

ALERTA
contra a guerra

Não vai longe ainda a tentativa do fascismo de forçar a classe operária portuguesa a contribuir para a guerra. Através das mais variadas iniciativas, a pedinchice de Salazar instalou-se no país. Pediu-se por tudo e por nada. Os estudantes de Coimbra disseram nas suas latadas que qualquer dia haveria um peditério para os mortos de Aljubarrotta. Esta caricatura do ambiente de pedinchice do fascismo, mostra como ele está ridicularizado no seio das massas e, portanto, como não é fácil ao regime, encher o sacco. Por isso, ele se lança na ladroagem. Aos pescadores de Matosinhos, perante a firmeza da classe em não contribuir para a guerra, meteram-lhes as mãos descaradamente nas quinzenas. Agora chega-nos a notícia, que na Covilhã, na empresa de Cristiano Nunes, roubaram 1800 na fêria semanal de cada operário. E já nos chegam notícias alarmantes de outros roubos noutras classes, como por exemplo no Banco Nacional Ultramarino do Porto, onde todos os empregados foram obrigados a descontar 60800 para «auxílio aos refugiados de Goa» ou a assinar uma declaração com as razões por que não davam aquele dinheiro!

A nossa classe tem de estar alerta. Salazar para manter a guerra colonial precisa de dinheiro. Ele procura obter esse dinheiro sugando-nos até à medula dos ossos, e vai tentar impor mais esta roubalheira aos trabalhadores.

Nem um tostão deixemos que nos roubem. Paz em Angola! Regresso dos soldados!

Paz em Angola!

o dia 18 uma reunião de operários no Sindicato da Covilhã para tratarem do assunto.

A acção firme e decidida de todos nós pode barrar o caminho nos desígnios exploradores de Salazar. Assembleias nos sindicatos, concentrações nas Calças podem levar à anulação dos 25%. Precisamos de mais regalias e não que nos cortem as que temos à custa do nosso dinheiro.

LUTEMOS PELA PAZ EM ANGOLA!

NO 1º DE MAIO NENHUM DE NÓS TRABALHA!

Os trabalhadores portugueses estiveram presentes no

Vº CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL

Neste Congresso que se realizou em Moscovo desde 4 a 15 de Dezembro, foram ouvidas mais de 100 intervenções de delegados, de observadores e de representantes de algumas organizações internacionais não sindicais (mulheres, jovens, estudantes, U.N.E.S.C.O., Bureau Internacional do Trabalho, etc.).

Uma delegação de trabalhadores portugueses conseguiu romper o colete do isolamento internacional imposto por Salazar e participar activamente nesse Congresso, tendo lido a sua intervenção no dia 12, a qual foi bastante aplaudida e mesmo interrompida por uma ovação quando o nosso delegado anunciou a fuga de Caxias dias antes.

A nossa delegação distribuiu ainda as delegações de todos os países — e estavam representados quase todos os países do mundo — documentos denunciando a nossa falta de liberdades sindicais, a repressão que cai sobre nós quando lutamos pelos nossos direitos e a situação do dirigente operário Manuel Ro-

drigues da Silva, com mais de 21 anos de prisão e gravemente doente.

A nossa delegação teve uma reunião especial com delegados dos trabalhadores de Angola e da Guiné, aos quais falaram da luta da classe operária portuguesa pela paz, pela independência das colónias e pelo regresso dos soldados. Ouviu então desses representantes africanos um relato da luta travada pelos trabalhadores daquelas duas colónias. Nesta reunião reinou sempre o melhor espírito de compreensão e de amizade.

A delegação portuguesa teve ainda contactos importantes com os delegados do Brasil, de vários países da América Latina, do Viet-Nam do Norte, etc. e duas entrevistas especiais, uma com a direcção da Federação Sindical Mundial, e outra com a direcção da União Internacional dos Mineiros, nas quais agradeceu a solidariedade moral e financeira que por várias vezes já foi enviada por aquelas organizações sindicais aos salteiros de Alcochete, aos pes-

cadores de Matosinhos, aos mineiros de Aljustrel, etc..

A nossa delegação esteve presente na visita que o Presidente do Conselho da U.R.S.S., N. Khrushov fez ao Congresso, tendo ouvido com muito interesse e aplaudido as suas nobres palavras a favor da paz mundial e do futuro da União Soviética como sociedade comunista dirigida pelos trabalhadores soviéticos, guiados pelo partido Comunista da União Soviética. Recebemos ainda a visita dos pioneiros, dos alunos das escolas técnicas, dos trabalhadores de Moscovo, tendo-os aplaudido, com todo o Congresso pelos grandiosos êxitos que obtêm nos seus sectores de trabalho e na vida política daquela grande e pacífica Nação.

Daqui agradecemos à delegação portuguesa o seu bom trabalho e o espírito decidido e combativo demonstrado ao enfrentarem, com a sua saída do país, o aparelho repressivo do fascista Salazar.

ACÇÕES DE MASSAS

(continuação da pág. 1)

O terrorismo é um tiro cujo projectil não sai pela culatra. Acções terroristas, longe de derrubarem Salazar, permitir-lhe-ão desencadear no país um clima de maior terror ainda, encontrar razões para novas explorações e roubos da classe operária. Não é dinâmico o povo, quando está ou aquele personalidades que Salazar será vencido. Ele será de qualquer seu ponto pela acção do povo, pelo levantamento da nação através das mais variadas acções populares, quer à volta de problemas políticos, quer de ordem económica.

O terrorismo no nosso país e na actual situação é um acto de desespero. Ora a classe operária não conhece o desespero. Ela sabe que ainda tem o seu frente trunfos fortes. As manifestações do Porto, Almeida, Alparque, Grândola, Couço, etc., afirmam a motar esses trunfos, o verdadeiro espírito, e a luta efectiva de Aljustrel, os greves dos pescadores de Matosinhos, as lutas reivindicativas dos lavios do Norte e da Serra do Estrela, etc., são as grandes trunfos da classe operária.

O TÊXTIL apela para que a classe continue na senda das grandes acções de massa e manifestações de luta. Não se deixe fascinar por manifestações de viciosa facções novas, manifestações de raia pelo LIBERDADE, pela PAZ, pelo DEMOCRACIA e por U.M.N.T.O DOS SALTEIROS, facções de cara coberto uma manifestação contra os salteiros de Caxias, facções de cada assembleia dos Sindicatos que manifestam a sua liberdade de independência sindicais. Organizamos e a cada dois meses damos ampla acções antifascistas e o governo de Salazar calará e o Povo fará respeitar os seus direitos.

Quando corremos com a actual direcção do Sindicato?

Os laços que os fascistas puse-ram à frente do nosso Sindicato terminaram o seu mandato em 1959. Ficaram em 1960 porque, dizem eles, estavam a discutir o novo contrato e uma mudança de direcção poderia atrasar! Mas ficaram ainda todo o ano de 1961... Porquê? Que explicação estarão agora preparando para mais um ano ilegal?

Porém, 1962 já vai com 2 meses e estes senhores, que têm apreciado a posta que lhes deram (mais de metade da receita entregue ao Sindicato por 25 mil operários!), resolveram continuar!

Até quando vamos consentir isto? Desde 1959 que estão lá a mais. Há 26 meses que esta direcção é ilegal. Há 2 anos e 2 meses que tudo quanto ela decreta é ilegal!

PARA CONTINUAR:
O TÊXTIL
PRECISA DE FUNDOS
EXILIA - O!

E vós, senhores do Governo, não preocupados com a defesa da «ordem e da legalidade», que falais perante esta vil ilegalidade? NADA!

Cabe-nos a nós, aos 25 mil têxteis do distrito do Porto, terminar com esta afrontosa situação. Envie-mos delegações de cada fábrica a reclamar eleições honestas. Reunimo representantes de cada fábrica no próprio Sindicato, formemos entre todos uma ampla Comissão de Operários Têxteis do Distrito do Porto e enviemo-la a Lisboa a falar com o Ministro e exijámos que seja posto fim a esta situação anormal.

Avante, companheiros! Punhamos à frente do nosso Sindicato homens e mulheres honestos e dedicados à classe. PREPAREMOS DESDE JÁ A NOSSA LISTA. Cuidado, porque os licenciados são capazes de anunciar eleições de um dia para o outro e já não vos dar tempo de preparar uma lista.

Corramos com os vencidos da actual direcção!